

FEPAL

A América Latina no observatório psicanalítico: A crise da democracia transcende as fronteiras

11 de setembro

Jorge Kantor

SPP



Tenho 10 dias para fazer uma reflexão sobre a crise da democracia que transcende fronteiras, a mesma que será lida hoje, agora: sexta-feira, 30 de outubro, a partir das 11 horas no horário do Uruguai.

Inevitavelmente, essas 24 horas nos lembrarão sempre que a democracia está em crise há muito tempo, talvez desde que os cidadãos do sexo masculino com mais de 20 anos de idade começaram a se reunir em Atenas (embora apenas aqueles que eram filhos de pai e mãe atenienses).



Se perguntarmos a qualquer pessoa com menos de 40 anos, o 11 de setembro estará inevitavelmente relacionado ao ataque às Torres Gêmeas na cidade de Nova York. Há 19 anos, dois aviões sequestrados por fundamentalistas islâmicos se chocaram contra esses edifícios icônicos. Os ataques tiveram ramificações globais. Cerca de um mês depois dos ataques, os Estados Unidos, com a colaboração de uma coalizão internacional, invadiram o Afeganistão, cujo governo havia apoiado as forças da Al-Qaeda.

No entanto, para um homem de 60 anos como eu, o 11 de setembro e a crise da democracia trazem mais um ano à mente: 1973. O presidente Salvador Allende morreu durante a tomada da Casa de la Moneda por soldados comandados pelo general Augusto Pinochet.

Tenho uma vaga lembrança daquele dia, uma vaga impressão de que, aos 16 anos, estava vendo o ideal de família desmoronar. As notícias do Chile foram tristes e desanimadoras. Nosso pequeno apartamento em Lima acolheu, nos meses seguintes, amigos e amigos de amigos de meus pais que iam para o exílio europeu.



Na década de 1970, as democracias na América Latina não duraram muito. Nós mesmos tínhamos saído da Argentina em busca de melhores horizontes. Há alguns meses, o presidente Arturo Illia foi deposto pelo general Juan Carlos Onganía. As universidades já haviam intervindo, retirando sua autonomia e co-governo, conquistas alcançadas com a reforma de 1918. Onganía implementou uma censura rígida que atingiu toda a imprensa e todas as manifestações culturais. Meus pais, que estavam iniciando suas carreiras como cineastas, viram qualquer promoção de cinema do estado ser cortada. Quando, de repente, eles tiveram uma oportunidade extraordinária de fazer um filme no Peru.

Naquela época, o Peru era governado pelo arquiteto Fernando Belaunde. O governo do presidente Belaunde, de matiz progressista, foi constantemente assombrado por um congresso principalmente de oposição, numa estranha aliança entre perseguidos e perseguidores da década anterior. O próprio Belaunde havia chegado à presidência após um golpe militar realizado para convocar novas eleições e impedir o triunfo de um dos dois grupos que agora o atrapalhavam, a ponto da ingovernabilidade. O golpe militar de 3 de outubro de 1968 resolveu a questão entre os poderes legislativo e executivo, dissolvendo-os.

Esse dia eu me lembro claramente. Eles nos mandaram de volta da escola para nossas casas. Os meus pais tranquilizaram-nos, versados como eram nos golpes de estado, normalizando a situação naquela quinta-feira de outubro: era mais um golpe militar, que já era esperado nos nossos países.

Meu pai nasceu em Trelew (cidade de Luis, em galês), na província de Chubut em 1927, ou seja, os golpes militares contra governos civis foram proibidos desde que ele era criança (vários em setembro, curiosamente), o primeiro em 4 de setembro, 1930, quando o



general José Félix Uriburu destituiu o presidente Hipólito Yrigoyen. Em seguida, a chamada "Revolução de 43", um golpe militar produzido para derrubar o governo do presidente Ramón Castillo. Seguiu-se o golpe fracassado de 28 de setembro de 1951 contra o governo do presidente Juan Domingo Perón. Foi seguido pelo golpe de 16 de setembro de 1955, a chamada "Revolução Libertadora", que finalmente derrubou Perón. Nasci no ano seguinte, também em setembro. Seis anos depois, ocorreu o golpe militar que destituiu o presidente Arturo Frondizi. Quatro anos depois, em 1966, o general Juan Carlos Onganía depôs o presidente Arturo Illia.

O golpe peruano parecia ser mais um golpe militar pelo qual tínhamos que passar, mais uma vez. "Mais do mesmo", devem ter pensado meus pais. No entanto, em menos de um ano, eles mudaram de ideia. Para meu pai e minha

mãe, primeira geração nascida na América, segunda geração de militantes do Partido Comunista, stalinistas de coração, a ideia de que o exército tomaria a decisão de cumprir uma agenda socialista, a chamada “Revolução das Forças Armadas”, encheu-os de entusiasmo.

A Reforma Agrária foi decretada no ano seguinte e significou uma mudança radical na propriedade da terra, acabando com os privilégios da oligarquia latifundiária nacional, como nunca acontecia desde os tempos da colônia espanhola. Os complexos agroindustriais do litoral foram os primeiros a serem



atingidos pela reforma. Em 24 de junho de 1969, soldados armados entraram nas plantações de açúcar no litoral norte para assumir as instalações e expulsar seus proprietários. Na foto, o presidente da junta militar, general Juan Velasco Alvarado, anuncia a promulgação da Lei da Reforma Agrária, arengando às massas com uma frase histórica: “Camponês, o patrão não vai mais

comer o pão da sua pobreza”. No início, as terras passaram a ser propriedade do Estado e depois foram distribuídas entre camponeses e pequenos agricultores organizados em cooperativas e sociedades agrícolas. Todas as fazendas tradicionais tornaram-se cooperativas geridas por trabalhadores.



Com todas as suas faltas e defeitos, a Reforma Agrária não só fez da população camponesa proprietária, mas com o fim do gamonalismo e da servidão, criaram-se as condições para a extensão da cidadania. O reconhecimento do direito de voto dos analfabetos em 1979 abriu as portas para milhões de camponeses exercerem alguns de seus direitos básicos de cidadania. Sem dúvida, uma das consequências da Reforma Agrária

No Peru, hoje, 11 de setembro, a crise da democracia volta a chover. A situação atual parece tão precária quanto a que existia quando Charles Darwin fez escala em Lima em 1835. A desordem política atraiu muita atenção para Darwin, escreveu (parece que estava falando hoje) em seu diário de viagem:

“Nenhum estado sul-americano foi tão castigado pela anarquia desde sua declaração de independência como o Peru. Na época de nossa visita, havia quatro partidos armados disputando o poder. Se um tiver sucesso, os outros se juntam contra ele; mas assim que estes expiram, eles se dividem novamente”(1).

Enquanto escrevo estas páginas, os últimos cinco presidentes peruanos, todos eleitos legitimamente nas urnas, encerraram seus governos em situações muito problemáticas. Alberto Fujimori, condenado a 25 anos de prisão em 2009, depois de ser considerado intelectualmente culpado pelos assassinatos cometidos por



um esquadrão militar. Ollanta Humala e Pedro Pablo Kuczynski, em prisão domiciliar, aguardando julgamento por corrupção. Da mesma forma, Alejandro Toledo, um prisioneiro nos Estados Unidos, tentando evitar sua extradição. Alan García suicidou-se para evitar a sua detenção no ano passado, ao mesmo tempo que a polícia intervinha para o fazer testemunhar perante o juiz por corrupção: “Não me verão enquadrado”, tinha anunciado dias atrás.

E, hoje, 11 de setembro de 2020, o Congresso do Peru, eleito para funcionar por pouco mais de um ano, após um referendo dissolver o congresso anterior, reuniu as assinaturas necessárias para debater a vaga do atual presidente, Martín Vizcarra, que assumiu como presidente após a renúncia de Kuczynski. Horas depois, constatou-se que o presidente do Congresso Nacional estava “batendo na porta do quartel”, então a situação continua se complicando de um momento para o outro.

No momento em que você ler este texto no congresso de nossa Federação, em 30 de outubro, saberemos o que mais aconteceu com esta última iniciativa golpista, embora muito provavelmente, esta nova crise política peruana continuará a se desenrolar, dentro do turbilhão perpétuo que se gera na vida política Latino Americano. É que a crise da democracia peruana estende suas próprias fronteiras internas, a cada volta do parafuso.

1.- Charles Darwin, Diario de viaje de un naturalista alrededor del mundo, II, pp. 171-172.
<https://diariouno.pe/charles-darwin-en-el-peru/>